

Fernando Molica

O menino podia ser seu filho

A bala que atingiu Pedro Henrique, de 12 anos, dentro de uma escola do Complexo da Maré, durante uma operação policial, faz lembrar a frase dita por estudantes em 1968, horas depois de o secundarista Édson Luís ter sido morto pela PM. Ao interromperem peças de teatro para denunciar o crime, eles repetiam: “Mataram um estudante, podia ser seu filho.”

Imagine receber, em casa ou no trabalho, a notícia de que um filho foi baleado, ainda mais dentro da escola. Como encarar o fato, o desespero, a incredulidade, a dificuldade de obter detalhes sobre o estado de saúde da criança?

Nem é assim tão difícil conceber como seria a correria para chegar ao local — ouvir que é perigoso ir até lá, que o tiroteiro ainda está acontecendo, como se houvesse perigo maior do que ter um filho baleado.

Qualquer um de nós sairia correndo ou trataria de pegar um táxi, o celular escorregaria das mãos, seria impossível localizar o número de algum amigo ou parente em meio aos gritos, as rezas e orações, à repetição das palavras meu Deus, meu Deus, meu Deus.

Ainda haveria a chegada ao hospital, a tentativa de invadir a sala de cirurgias, a UTI. Como conter a vontade de empurrar todo mundo que tenta impedir o básico, o encontro com o que há de mais importante nas nossas vidas?

Experiência parecida foi vivida ontem por uma mãe e um pai que moram na Maré. A essa hora, eles devem estar ao lado do filho numa enfermaria, aliviados pela recuperação do menino, angustiados com a volta para a casa, para o local onde vivem. Como deixar o garoto voltar à escola? Não vou deixar, deve ter dito a mãe, que faz e refaz contas, calcula quanto seria necessário para que eles deixem a casa onde vivem. Ir pra onde?, questiona o marido.

É preciso imaginar a tragédia para ao menos interromper a indiferença e, mesmo, o entusiasmo que sustentam ações que enxugam gelo e espalham sangue pelas favelas. Operações

que ocorrem apenas pelo fato de boa parte da população não ter a menor empatia por quem vive por lá, pobres e geralmente pretos; cidadãos vistos como “eles” e não como “nós”. São como os feios, sujos e malvados do filme de Ettore Scola. Seres humanos que não mereceriam atenção, carinhos e cuidados do Estado.

É inegável que as quadrilhas que dominam favelas e bairros pobres são cruéis, exercem um poder ditatorial, ameaçam e punem moradores. Mas só fazem isso graças à incompetência, tolerância e parceria do Estado, cresceram à sombra do poder público ou se alimentam da luz por ele fornecida.

O combate a esses grupos não pode, porém, repetir a mesma crueldade por eles exercida e nem insistir em estratégias que dão errado há décadas.

Levantamento feito pela organização Redes da Maré mostrou que, nos sete primeiros meses do ano letivo de 2024, 20 mil estudantes de 49 escolas da comunidade ficaram 26 dias sem aulas devido a operações policiais.

Como dar a essas crianças e jovens ao menos a ilusão de um futuro melhor, como incentivá-los a estudar, a tentar romper a estrutura criada para manter a pobreza do jeito que está?

Pelos registros feitos no Ministério Público, a operação de ontem foi a 18ª realizada este ano em favelas da Maré. Não é difícil prever que será tão fracassada como as demais, como as 5.500 que, desde junho de 2020, ocorreram em favelas cariocas.

Em nenhuma delas o Estado acabou com o crime organizado no local, retomou territórios, restabeleceu a lei.

Entre os 122 mortos na megaoperação nos complexos da Penha e do Alemão há cinco policiais. Morreram em vão, assim como o sargento PM Jorge Henrique Galdino Cruz, que tombou em junho de 2024 na Maré. É preciso quebrar essa lógica, garantir segurança e preservar vidas, entre elas, as vidas dos filhos de todos nós.

EDITORIAL

A triste cultura do desperdício

No Brasil, o desperdício de água tratada é uma realidade alarmante e inaceitável. O estudo recente do Instituto Trata Brasil (ITB) em parceria com a GO Associados revela que o país perde, todos os dias, o equivalente a 6.346 piscinas olímpicas de água antes que ela chegue às torneiras de seus cidadãos.

A cifra é estarrecedora e reflete a ineficiência de um sistema de abastecimento que, em vez de oferecer soluções, consome os recursos hídricos do país de forma descontrolada e irresponsável.

A magnitude do desperdício é ainda mais preocupante quando analisamos o volume total de água tratada perdida ao longo de um ano: 5,8 bilhões de metros cúbicos. Esse é o suficiente para abastecer 50 milhões de pessoas, número equivalente à população de muitos países. O que isso significa, na prática? Significa que, em um Brasil de dimensões continentais, com 34 milhões de brasileiros sem acesso regular à água potável e enfrentando secas severas e mudanças climáticas cada vez mais imprevisíveis, estamos jogando fora uma quantidade absurda de um bem essencial

à vida humana e à dignidade.

O estudo destaca uma realidade desconcertante: as perdas totais de água representam 40,31% de tudo o que é produzido, um número muito acima da meta estipulada pela Portaria 490/2021, que estabelece um limite de 25%. Em um cenário onde a água é um recurso cada vez mais escasso, é difícil compreender como o país ainda permite que tamanha quantidade de água tratada se perca, principalmente em áreas como o Norte e o Nordeste, onde as perdas chegam a mais da metade da água distribuída. Em estados como Alagoas (69,86%) e Roraima (62,51%), a situação é ainda mais grave, revelando uma profunda ineficiência no gerenciamento de recursos hídricos.

A responsabilidade por essa perda de água recai sobre uma série de fatores, como vazamentos, erros de medição e consumos não autorizados. De acordo com o estudo, os vazamentos são responsáveis por uma grande parte desse desperdício, com mais de 3 bilhões de metros cúbicos de água sendo desperdiçados anualmente apenas por falhas na infraestrutura.

Opinião do leitor

Sono

Pesquisas encontra vínculo estatístico entre menos horas de repouso noturno e risco de desenvolvimento de enfermidades crônicas em pessoas acima dos 50 anos. O ideal, recomendam os especialistas, é dormir ao menos sete horas por noite. Acima dos 50 anos, ideal é ter 7 horas de sono para prevenir doenças.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JULIO PRESTES EMBARCA PARA A EUROPA COMO EXILADO

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de novembro de 1930 foram: Julio Prestes embarca no “Highland Princess” em São Paulo, para o seu exílio

na Europa. Adolfo Bergamini será o interventor no Distrito Federal. Funcionários adidos do Ministério do Exterior são informados a voltar às repartições.

HÁ 75 ANOS: ONU DEBATERÁ A ENTRADA DA CHINA COMUNISTA NA GUERRA DA COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 27 de novembro de 1950 foram: Informações vindas da Ásia acreditam que a China Comunista fará uma nova investida na Coreia. França, Inglaterra e Canadá são contra o emprego da bomba atômica na

Manchúria. Assembleia-Geral da ONU debaterá a entrada da China Comunista na Guerra da Coreia. Assembleia Francesa aprova moção de confiança ao Governo Pleven. Câmara discute projeto de abono de Natal para funcionários da União.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nilomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Berthold (Diretor Geral)
patrickberthold@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo - SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas - SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.